

## **Educação e luta de classes: notas sobre a questão da educação escolar**

Mario Mariano Ruiz Cardoso\*

**Resumo:** O texto que apresentamos aqui refletirá sobre o problema da educação escolar na luta de classes e, de modo mais específico, sobre as possibilidades dos processos educativos escolares apoiarem a luta da classe trabalhadora pela transformação radical da sociedade atual. Inicia-se com a discussão sobre o significado da luta de classes, pontuando os contornos históricos e atuais dessa questão. Num segundo momento apresenta-se a discussão sobre a concepção marxista de educação, especificamente, sobre as ideias educativas no contexto brasileiro, considerando a centralidade da luta de classes no desafio de elaboração de uma concepção de educação com base na teoria social de Marx. Na última parte do texto, partindo-se das reflexões iniciais, busca-se compreender o papel da educação escolar na luta de classe, objetivando colocá-la a serviço das necessidades e interesses da classe trabalhadora. Reflete-se sobre a importância da apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, em especial, a arte, a filosofia e a ciência como parte do desafio de que cada trabalhador e trabalhadora assume ao compreender os determinantes objetivos e subjetivos da sociedade burguesa como uma parte da luta pela transformação da sociedade atual.

**Palavras-chaves:** educação escolar, luta de classes, marxismo.

### **Education and class struggle: notes on school education**

**Abstract:** Here we debate the problem of school education within the class struggle framework. More specifically, we problematize the possibility that school education processes may back the conflict of the working class for the radical transformation of the contemporary society. We begin discussing the meaning of the class struggle, punctuating the historical and current contours of this question. In a second moment we bring the Marxist conception of education, specifically, on the educational ideas and relate them to the current Brazilian context. We assume the centrality of the class struggle issue in the challenge of elaborating an education conception based on the social theory of Marx. At last, we conclude connecting the initial reflections regarding to school education in the class struggle, justifying its potential to promote the needs and interests of the working class. We highlight the importance of education at promoting the appropriation of historically accumulated knowledge, especially art, philosophy and Science. This is part of the challenge that every worker assumes when understanding the objective and subjective determinants of bourgeois society as a part of the struggle for the transformation of the present society.

**Keywords:** school education, class struggle, marxism.

---

\* Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus JK.

Não nos cabe nesse pequeno espaço de texto a tentativa do tratamento minucioso sobre a questão das lutas de classes. Vale ressaltar que a partir da rica tradição marxista e marxiana que nos acompanhará nesse texto, as lutas de classes são reconhecidas como o motor da história humana. Desde as sociedades passadas até o momento atual de desenvolvimento da sociedade capitalista global, as lutas de classes são o lócus privilegiado das principais contradições sociais, perpassando a vida social dos homens e mulheres da família a comunidade, da fábrica ao campo, da ciência ao senso comum, do Estado às ruas, ou seja, a totalidade do ser social.

A Teoria Social de Marx possui especial relevância para análise dessa questão, pois nos permite verificar a trama social, política, econômica e cultural que produz e é produzida no seio das lutas de classes. Além disso, a teoria marxiana é explícita no seu interesse em estar ela própria inserida nessa dinâmica, ou seja, tomando como central as lutas de classes no processo de conhecimento e transformação da realidade social. Faz isso identificando e instrumentalizando a classe trabalhadora, em meio as complexas contradições da realidade concreta, como portadora de um projeto de emancipação de toda humanidade.

Em Marx as lutas de classes atravessam a totalidade das relações sociais e se expressam em diferentes lutas sociais, sejam elas a de caráter explicitamente mais econômico, mas também aquelas que se apresentam com “perfil” mais cultural, político, nacional, étnico, de gênero, dentre outras dimensões de nossa sociabilidade. Seguem os apontamentos com exemplificações reais sobre a questão feita por Marcelo Braz:

O fato incontestável que temos de analisar é que desde os anos 1970, com mais intensidade a partir dos anos 1990, produziram-se lutas sociais que diversificaram enormemente o universo que se conhecia até então. De lá pra cá, colecionamos mais derrotas que vitórias, mas o universo se ampliou consideravelmente, envolvendo desde lutas fabris até as mais variadas lutas, passando por questões culturais, étnicas e ambientais. De Seattle ao Occupy W. Street, dos zapatistas à luta dos sem-terra no Brasil, passando pelos piqueteiros da Argentina, por Oaxaca no México e pelas lutas altermundistas (antiglobalização) nos países centrais até os recentíssimos mal chamados "movimento dos indignados", colecionamos não só derrotas, mas também exemplos concretos do perfil das lutas de classes contemporâneas. (BRAZ, 2012, p.480)

O tratamento dado a questão das lutas de classes na teoria marxiana não se limitou a sua análise e interpretação na sociedade burguesa, Marx tematiza o problema para além do capitalismo, asseverando que a “história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classes” (MARX & ENGELS, 2008, p. 8). Entretanto, estamos convencidos que em Marx a importância das lutas de classes se insere na centralidade dada

pelo revolucionário alemão a disputa entre projetos que pretendem manter as relações sociais, ou seja, manter os processos de exploração dos homens pelos homens, bem como as opressões, e os projetos que colocam em movimento as lutas pela superação radical das relações sociais sob o julgo do capital.

Nesse sentido, o tratamento dado as lutas de classes por Marx e Engels recorre a um esforço permanente em revelar suas expressões históricas, e em especial, os dois comunistas travam um imenso esforço em destrinchar o modo como as lutas de classes se colocam na sociedade capitalista. Podemos, por exemplo, ver como Marx e Engels problematizam essa questão na Ideologia Alemã por toda a obra. Os autores nesse texto permitem ao leitor a identificação das lutas de classes, e de modo específico, a luta entre a burguesia e os trabalhadores, em diferentes dimensões da vida social. Ao criticar o tratamento dado a questão do dinheiro por Max Stiner, a quem Marx e Engels nomeia no texto da Ideologia Alemã de modo irônico de São Sancho, os dois autores chamam a atenção de modo direto a necessidade de evidenciar a relação dessa questão com a luta de classes. Eles dizem:

De modo que, para não falar meramente do meio de troca, mas especialmente do dinheiro, ele é necessariamente levado a introduzir as decorrentes determinações do dinheiro, dizendo que ele é o meio universal de troca, corrente e circulante, que ele conserva a liquidez de toda propriedade etc. Com isso, também são introduzidas as determinações econômicas que Sancho não conhece, mas que são precisamente aquelas determinações que constituem o dinheiro; e, com elas, também são introduzidos toda a situação atual, **o regime de classes, o domínio da burguesia**, etc. (MARX & ENGELS, 2007, p. 382, grifo nosso)

Em outra passagem da Ideologia Alemã<sup>1</sup> em que Marx e Engels continuam a desenvolver suas críticas aos “profetas do socialismo alemão”, há uma atenção especial para a questão da diversão e sua relação com as classes sociais e de como a luta entre as classes se dá nessa esfera social. A passagem é a seguinte:

Sob o domínio da burguesia, as diversões assumiram sua forma em consonância com as classes da sociedade. Os divertimentos da burguesia se constituíram segundo o material que essa classe havia produzido em seus diferentes estágios de desenvolvimento, adquiriram dos indivíduos, bem como da contínua subordinação da fruição ao interesse monetário, o caráter enfadonho que elas têm ainda hoje. Os divertimentos do proletariado, devido à longa duração do trabalho, que eleva ao máximo a necessidade de lazer, por um lado, e à limitação qualitativa e quantitativa dos divertimentos acessíveis aos proletários, por outro, assumiram a sua atual forma brutal. – As fruições de todos os estamentos e classes até hoje existentes tiveram, em geral, de ser

---

1 O trecho que nos interessa aqui é na verdade uma nota suprimida dos manuscritos, mas que aparece no texto da edição usada para esse trabalho.

ou infantis, estafantes, ou violentas, pois sempre estiveram separadas do conjunto da atividade vital, do verdadeiro conteúdo da vida dos indivíduos, e se reduziram, mais ou menos, ao ato de dar um aparente conteúdo a uma atividade sem conteúdo. Naturalmente, a crítica das fruições até agora existentes só pôde se realizar quando a oposição entre burguesia e proletariado estava tão desenvolvida a ponto de permitir também a crítica do modo de produção e de troca até agora existente. (ibidem, p. 404).

Nesse trecho é possível perceber a materialidade que Marx e Engels dão para a ideia de que a luta de classes é o motor da história da humanidade. Eles evidenciam o desenvolvimento da “oposição entre burguesia e proletariado” num ponto em que se permitem a produção de contradições sociais que coloquem em xeque a própria sociedade de classe, e no caso específico, a o modo como se expressa a vida social no campo das fruições dos indivíduos, grupos e classes.

Em que pese a dimensão material dos processos de divertimentos apontados na crítica marxiana, fica evidente que para Marx e Engels as lutas de classes movimenta, ou seja, são o motor das práticas sociais em suas dimensões materiais e não materiais, na produção direta da vida dos homens e mulheres e também nas mediações e objetivações ideias, tais como o conhecimento, os desejos, os sentimentos, etc.

De modo explícito no prefácio da segunda edição de O Capital, texto que mostra o pleno desenvolvimento da compreensão do revolucionário alemão sobre as relações sociais sob a influência do modo de vida da sociedade burguesa, Marx joga luz sobre a relação entre grau de desenvolvimento da luta de classes e as determinações no processo de desenvolvimento da economia política burguesa que

por ser burguesia, isto é, por entender a ordem capitalista como a forma última e absoluta da produção social, em vez de um estágio historicamente transitório de desenvolvimento, a economia política só pode continuar a ser ciência enquanto a luta de classes permanecer latente ou manifestar-se apenas isoladamente (MARX., 2013 p. 85)

Também se destaca o tratamento dado pela reflexão marxiana as lutas de classes em textos específicos como em “As lutas de classe na França de 1848 a 1850” (MARX, 2012), “Luta de classes na Alemanha” (MARX, 2010), etc. Nestes escritos, assim como em outros, tem-se a oportunidade de se apreender a importância da análise e interpretação das condições históricas, políticas, econômicas e sociais da luta de classes, em especial, sob os interesses e necessidades da classe trabalhadora em diferentes contextos.

Tais reflexões permitem um acúmulo de ferramentas teóricas, metodológicas e práticas para o enfrentamento da questão das lutas de classes no momento atual, em especial no tema que nos interessa nesse texto: a relação com os processos educativos.

## Concepção marxista de Educação

Mesmo que os escritos de Marx e Engels não tenham nos deixados uma teoria da educação explícita, a tradição marxista possui ampla elaboração sobre o tema, sendo possível enunciar nesse momento a título de exemplificação no contexto brasileiro os Encontros Brasileiros de Educadores Marxistas, bem como revista científicas como a *Germinal: Educação e Marxismo* que expressam a riqueza desse debate.

De qualquer maneira, não pode-se deixar de indicar a importância dos escritos de Marx e Engels sobre a educação para compreensão da problemática de uma concepção marxista de educação. É também na luta de classes que a teoria marxiana localiza a educação. Compreendida como uma dimensão histórica da humanidade, a educação nos escritos de Marx e Engels não escapa a crítica severa das formas históricas, em especial, na sociedade burguesa, bem como se configura como uma prática social a ser disputada pelo projeto da classe trabalhadora.

Lombardi (2010) aponta ainda que a educação na teoria marxiana, é determinada

pela forma como os homens produzem sua vida material, bem como as relações aí implicadas – quais sejam, as relações de produção e as forças produtivas – são fundamentais para apreender o modo como os homens vivem, pensam e transmitem as idéias e os conhecimentos que têm sobre a vida e sobre a realidade natural e social.

Nesse sentido, entende-se que uma concepção marxista de educação não deve se furtar a elaborar a crítica as concepções burguesas de educação: aquelas concepções que se caracterizam por desvincular os processos educativos do modo de produção da vida numa determinada sociedade. Atualmente, é possível identificar tendências educativas que se apresentam como progressistas, por articularem conceitos caros a existências de indivíduos e grupos das classes subalternas, mas que acabam por produzir um esforço teórico e prático de desvincular tais dimensões fundamentais para a vida dos trabalhadores e trabalhadoras, das totalidades de determinações da vida social. Exemplo disso são as tendências educacionais de perspectiva multiculturalista que “tem desempenhado o papel do cavalo de Troia que trouxe para dentro da educação escolar o pós-modernismo com toda sua carga de irracionalismo e anticientificismo”(DUARTE, 2010, p. 43 ).

Do ponto de vista histórico, as experiências sociais influenciadas pela teoria e prática marxista se configuram como um rico acúmulo para o movimento de elaboração de uma concepção marxista de educação. O processo revolucionário russo de 1917, por exemplo,

nos brindou com as elaborações e desafios propostos pelas reflexões de Nadežda Konstantinovna Krupskaja que “foi responsável pela Sessão Pedagógica do Ministério da Cultura e trabalhava com toda uma equipe, mais de 300 pessoas nas várias áreas” (MARTINS *et al*, 2016, p. 213-214). Krupskaja operou as transformações da realidade educacional russa no contexto da revolução de 1917 municiada de uma concepção socialista de educação que naquele momento significava uma educação capaz de produzir subsídios formativos aos trabalhadores e trabalhadoras na condução das transformações que seriam base para nova formação social que naquele momento histórico surgia. Segundo Saviani (2011, p. 29),

Para Krupskaya, os desafios dos primeiros anos seriam: livrar-se da herança da escola antiga (manuais impregnados da ideologia burguesa, ênfase em abordagens religiosas, chauvinismo, métodos adestradores, resistência reacionária do magistério); dotar o ensino de novo conteúdo e novos métodos; ligar a escola com a vida, aproximando-a da população; propiciar a compreensão da vida concreta e o desenvolvimento da capacidade de trabalhar, estudar e viver coletivamente.

Ainda sobre a concepção de educação que esteve presente, em especial, nos primeiros da Revolução Russa de 1917 a compreensão da Escola Comuna e da Escola do Trabalho nas obras de Moisé Pistrak, além de apontar caminhos práticos para problemas educacionais que ainda nos afligem, nos permite avançar de modo bastante enriquecedor sobre a questão do papel da organização dos trabalhadores e trabalhadoras em todos os espaços da vida social e, em especial, nos processos educativos. Também na elaboração de Pistrak e nas experiências por ele conduzida, há respostas a problemática da relação entre educação e trabalho (PISTRAK, 2000). Mesmo com o cuidado da ponderação do contexto em que essas respostas foram produzidas, o desafio da centralidade do trabalho numa concepção marxista de educação hoje não escapará aos esforços daqueles que se vinculam a um projeto educativo dos trabalhadores .

Tanto Pistrak quando Krupskaja tem influenciado o debate sobre educação marxista no Brasil, especificamente, estes e outros autores soviéticos do campo da educação estão presentes nos debates educacionais de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Em recente evento sobre pedagogia socialista e os 100 anos da Revolução Russa realizado na Escola Nacional Florestan Fernandes do MST em junho de 2017, evidenciou-se a necessidade de se compreender a experiência educativa da Revolução Russa de 1917 devido a seu potencial de enfrentar o caráter conservador do panorama educativo, por exemplo, nas escolas do campo, em assentamentos, acampamentos, escolas que necessitam de transformação radicais para

assegurar condições objetivas e subjetivas da educação dos filhos e filhas dos trabalhadores do campo.

Além dos autores soviéticos, no contexto brasileiro o debate sobre a concepção marxista em educação passa também pela importância dos escritos de Antonio Gramsci, comunista italiano que viveu na primeira metade do século XX enfrentando o fascismo de Mussolini.

A perspectiva teórico-prática gramsciana aponta para um lugar central dos processos educativos, enquanto dimensão crucial da luta de classes e disputa pela hegemonia. Na concepção de Gramsci, as transformações objetivas e subjetivas nos países capitalistas ocidentais, observadas de forma mais clara no início do século XX, abrem as portas de vez para que o marxismo não seja mais confundido com uma visão puramente economicista da vida dos homens, e nem que seja concebido na perspectiva idealista, mas entendido como uma teoria rica e viva porque capaz de direcionar caminhos para a reflexão e luta nas diferentes esferas da existência dos homens, sendo uma delas os processos de ensino-aprendizagem. Diante do exposto, é possível afirmar que a partir do pensamento gramsciano verifica-se que a educação está imanentemente articulada à disputa pela hegemonia, pois o enfrentamento político com vistas a culminar na produção de uma nova hegemonia é, também, mediado por processos de aprendizado, intelectual e moral. A centralidade da questão da educação na obra de Gramsci pode ser elucidada por uma passagem que também expressa, de modo bastante rico, o entendimento das relações que se estabelecem entre a questão da educação e as outras esferas da vida humana. Vejamos:

Mas a relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente escolares, através das quais as novas gerações entram em contato com as antigas e absorvem suas experiências e seus valores historicamente necessários, “amadurecendo” e desenvolvendo uma personalidade própria, histórica e culturalmente superior. Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, entre as camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguarda e corpos de exércitos. Toda relação de “hegemonia” é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que compõem, mas em todo o campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais. (GRAMSCI, 1999 p. 399)

Os escritos de Gramsci tem influenciado a produção teórica da educação brasileira, e de modo mais específico, os autores ligados a pedagogia histórico-crítica, teoria pedagógica que assume a perspectiva marxista como fundamento para pensar e praticar a educação. Tal teoria pedagógica se apoia na compreensão gramsciana da relação entre educação e luta de classes, explícita, especialmente nas obras de Dermeval Saviani (SAVIANI, 2008;

2009), e deste com outros autores (SAVIANI & DUARTE, 2012) desenvolvendo valoroso esforço no debate pedagógico. De modo evidente, incorpora a categoria gramsciana de catarse, indicando que no processo educativo é catarse o momento culminante em que o aluno incorpora os conhecimentos como ferramentas de compreensão e ação na realidade social (CARDOSO & MARTINS, 2014; MARTINS & CARDOSO, 2015).

Além disso, outros autores marxista tem recebido tratamento no âmbito das discussões em torno da construção da pedagogia histórico-crítica, tais como Luckacs (DUARTE, 2012), e Vigotsky (MARTINS, 2013). Cabe aqui, a indicação de Netto (2015) que ao reconhecer a pedagogia histórico-crítica, como uma teoria marxista da educação, nos provoca a verificar seus desafios e obstáculos tanto teóricos, quanto na sua aplicação num contexto social, político e econômico repleto de limites ao seu desenvolvimento pleno. De qualquer maneira, chama a atenção que essa teoria pedagógica marxista continua assegurando a necessidade de se buscar produzir uma concepção de educação com base nas trilhas de Marx, e mesmo no seio das críticas que recebe, acaba por estimular o campo educativo avançar nessa construção de uma compreensão atrelada aos interesses e necessidades dos trabalhadores e trabalhadoras, ou seja, uma concepção de educação marxista capaz de se inserir na luta de classes.

### **Educação escolar e as lutas de classe**

Com base na centralidade das lutas de classes defendida por Marx e Engels na elucidação dos desafios postos pela superação da ordem burguesa, bem como os caminhos abertos pelo debate pedagógico marxista, cabe se perguntar: qual a importância da educação escolar na luta de classes?

Marx e Engels (2010), no Manifesto Comunista, texto de caráter político que possui um programa de ação para os comunistas, elenca as ações necessárias para “que tragam resultados para além de si mesmas e sejam indispensáveis para revolucionar todo o modo de produção.”(MARX & ENGELS, 2008, p. 44). Dentre elas, ganha importância a referência a educação e a educação escolar dos filhos e filhas da classe trabalhadora. Vejamos como Marx e Engels anunciam a ação: “Educação pública e gratuita para todas as crianças. Supressão do trabalho infantil de crianças, tal como praticado hoje. Integração da educação com a produção material etc” (ibdem).

Essa referência explícita a educação escolar como bandeira de luta dos trabalhadores numa perspectiva comunista não deixa dúvida quanto a importância dessa dimensão no

seio da luta de classes. Os dois líderes comunistas, deixam claro que é necessário se contrapor e superar a escola de caráter burguês, claramente uma escola que não permitia o acesso pleno das crianças oriundas da classe operária.

Marx e Engels estimulam nessa passagem a seguinte questão: o que se passa na escola que interessa a classe trabalhadora? O que a especificidade da prática educativa enquanto prática social pode oferecer aos trabalhadores na luta de classes?

Dentre as objetivações humanas, a ciência, arte e a filosofia tem expressão histórica nos processos pertinentes a educação escolar. Mesmo em tempos de esvaziamentos dos conteúdos escolares e relativização pós-moderna do currículos, os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos permeiam com certa importância a maior parte das discussões e realidades escolares. Nesse sentido, os processos educativos se caracterizam como espaços privilegiados no que tange a possibilidade de apropriação desses conhecimentos pelo ser humano. A educação escolar na sociedade atual, mesmo sob a lógica do capital, se apresenta como um *locus* onde os conhecimentos sistematizados (ciência, arte e filosofia) possuem audiência explícita e cotidiana. Mesmo com os limites e fragilidades da escola na sociedade burguesa para a classe trabalhadora, pode-se afirmar que há um potencial dela como espaço de socialização e apropriação das objetivações humanas referentes aos conhecimentos da ciência, da filosofia e da arte. De certa maneira, a partir dessa reflexão, pode-se pensar que a escola participa, a depender das condições concretas em que se dá a luta de classes, da humanização dos indivíduos. Segundo Netto e Braz (2012, p. 59),

o homem não nasce indivíduo social: ao nascer, os homens são puras singularidades; somente no seu processo formativo-social, no seu amadurecimento humano, os homens podem tornar-se indivíduos sociais – isto é, homens singulares que se humanizam e, à base da socialização que lhes torna acessíveis as objetivações já constituídas do ser social, constroem-se como personalidades inconfundíveis. No seu processo de amadurecimento, e conforme as condições sociais que lhe são oferecidas, cada homem vai se apropriando das objetivações existentes na sua sociedade; nessa apropriação reside o processo de construção da sua subjetividade.

Entende-se portanto que a humanização do ser humano depende dessa apropriação das objetivações materiais e ideais, dentre elas a ciência, a arte e a filosofia, e que, assim é possível a partir do enfrentamento da luta de classes na educação escolar, buscar colocá-la a serviço dos interesses da classe trabalhadora. Cabe ressaltar que o exemplo que citamos nesse texto sobre a educação no MST, parece apontar a disposição dos trabalhadores em disputar o projeto escolar, enfrentando as mazelas da escola sob a lógica do capital, tanto o esvaziamento de seu papel na socialização dos conhecimentos científicos, artísticos e

filosóficos, quanto no trato dela como mercadoria, como tem-se verificado de modo mais agudo no ensino superior (LEHER, 2007).

Especificamente no Ensino Superior a luta de classes tem se expressado, do ponto de vista da organização dos trabalhadores, por exemplo através da ação do ANDES-SN. Esse sindicato tem sido um instrumento de luta dos docentes que desejam que o ensino, a pesquisa e a extensão realizada na universidade pública brasileira esteja atrelada aos interesses da classe trabalhadora, fortalecendo lutas contra os ataques e interesses do capital. Se a universidade está sendo disputada pelo capital, a luta pela defesa da universidade pública deve passar por uma articulação maior, sem se limitar a discutir somente seus problemas específicos. Através do ANDES-SN, os docentes do ensino superior tem podido compreender os nexos entre a educação e sociedade, entre a defesa da universidade brasileira como caminho para a superação do modo de vida atual sob o domínio do capital. Nas palavras da diretora de 2013 do ANDES-SN, no prólogo do Caderno 2, Proposta do ANDES-SN para a Universidade Brasileira,

temos que enfrentar o setor hegemônico do capital, temos que recompor as forças na luta, reafirmando que a Universidade Brasileira e a Educação de um modo geral não podem ser parte de qualquer acordo político de sustentação de poder mediante concessões a setores que historicamente desconstroem o setor público, exploram e extraem o mais que podem para garantir ganhos imediatos e do seu exclusivo interesse. (ANDES, 2013, p. 10)

O ANDES-SN também tem se destacado no debate sobre o trabalho docente, tanto na análise das condições de precarização, como também nas reflexões e ações das possibilidades emancipatórias no trabalho desenvolvido pelos docentes, em especial, no ensino superior brasileiro. Além das diferentes formas de contratação, como por exemplo os trabalhos temporários, que tem sido caracterizados pelos estudos como vias de precarização do trabalho docente no ensino superior, há “muitas mudanças [que] foram introduzidas na rotina das atividades de ensino, pesquisa e extensão” que “do ponto de vista do capital, trata-se de aumentar o trabalho docentes em extensão e intensidade (BOSI, 2007, p. 1511).

Ainda sobre a disposição para o enfrentamento da luta de classe na educação escolar, cabe ressaltar as ocupações de estudantes que movimentaram o ano de 2015 no Brasil. Tais processos colocaram na ordem do dia questões como: a precarização do trabalho

docente, os problemas de infraestrutura, organização estudantil, relação entre política e os conteúdos escolares. Celebra-se esses ocorridos num contexto de articulação de grupos conservadores em torno da proposta conhecida como Escola Sem Partido. Essa proposta explicita o interesse das elites em dirigir o cotidiano da escola, colocando em prática um projeto que anuncia a necessidade de se aniquilar a dimensão política da escola.

As anotações trazidas nesse texto não encerram a problemática da educação escolar na luta de classes, mas apontam a necessidade de se debruçar em torno do panorama de disputa existente entre os projetos de educação. Sem cair na armadilha de elencar a educação como principal trincheira dos trabalhadores, compreende-se a necessidade de resistir ao avanço do projeto do capital sob a escola, bem como, dar prosseguimento ao esforço histórico dos trabalhadores e trabalhadoras de construir experiências educativas que possibilitem os homens e mulheres a se apropriarem de ferramentas teóricas, metodológicas e práticas necessárias a luta pela transformação radical da sociedade.

## **Referências**

ANDES-SN. **Caderno ANDES N.2** Proposta do ANDES-SN para a Universidade Brasileira. Brasília: ANDES-SN, janeiro de 2013.

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 8, n. 101, 2007

BRAZ, Marcelo. Capitalismo, crise e lutas de classes contemporâneas: questões e polêmicas. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 111, p. 468-492, Set. 2012. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282012000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000300005&lng=en&nrm=iso). Acesso em 09 de maio de 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282012000300005>.

CARDOSO, Mario Mariano Ruiz; MARTINS, Marcos Francisco. A catarse na pedagogia histórico-crítica. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 14, n. 57, 2014.

DUARTE, Newton. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. In: MARTINS, Ligia Márcia & DUARTE, Newton, orgs. **Formação de professores: limites**

contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DUARTE, Newton. Lukács e Saviani: a ontologia do ser social e a pedagogia histórico-crítica. **Pedagogia histórico-crítica e a luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, p. 37-57, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

MARTINS, Ligia Marcia. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**-ISSN 2175-5604, v. 5, n. 2, p. 130-143, 2013.

LEHER, Roberto. Universidade no Brasil e na América Latina: tensões e contradições entre o público e o privado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 171-177, 2007.

MARTINS, Marcos Francisco; CARDOSO, Mario Mariano Ruiz. Catarse na pedagogia histórico-crítica: a concepção de Saviani-Entrevistado Dermeval Saviani. **Crítica Educativa**, v. 1, n. 1, p. 163-217, 2015.

MARTINS, Marcos Francisco; VARANI, Adriana; DOMINGUES, Tiago Cesar. Luiz Carlos de Freitas: “A organização do trabalho pedagógico no contexto atual do ensino público brasileiro”. **Crítica Educativa**, v. 2, n. 1, p. 202-226, 2016.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Lutas de classes na Alemanha**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX, Karl. **As lutas de classes na França de 1848 a 1850**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

NETTO, José Paulo. Breve nota à interlocução entre pensadores da educação e Marx. 2015. Trabalho encomendado no GT – 09 – Trabalho e Educação. **Anais da 37ª Reunião Científica da ANPEd**. Florianópolis, Outubro de 2015. ISSN: 2447-2808.. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-encomendado-de-Jos%C3%A9-Paulo-Netto-para-o-GT09.pdf>. Acesso em: 12/06/2017. 2015.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**. UMA INTRODUÇÃO CRÍTICA, v. 6, 2012.

PISTRAK, Moisey M. Fundamentos da escola do Trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação política. 41.ed. Campinas: Autores Associados, 2009. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 5).

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (Org.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012. cap. 7. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, Nereide. Concepção socialista de educação: a contribuição de Nadedja Krupskaya. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas:UNICAMP, número especial, p. 28-37, abr2011. Disponível em:

[www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art03\\_41e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art03_41e.pdf).

Acesso em: 10 de março de 2017.